



Griot: Revista de Filosofia

ISSN: 2178-1036

griotrevista@gmail.com

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Brasil

Kraemer, Celso; Abrantes Cesar, Rodrigo
A história no âmbito da crítica de Nietzsche à educação e à cultura na modernidade
Griot: Revista de Filosofia, vol. 6, núm. 2, 2012, pp. 14-26
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v6i2.532>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576665111003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

A HISTÓRIA NO ÂMBITO DA CRÍTICA DE NIETZSCHE À EDUCAÇÃO E À CULTURA NA MODERNIDADE

Celso Kraemer¹

Universidade Regional de Blumenau (FURB)

 <https://orcid.org/0000-0003-2406-9638>

Rodrigo Abrantes Cesar²

Universidade Regional de Blumenau (FURB)

RESUMO:

O presente artigo discute a crítica de Friedrich Nietzsche ao modo como a noção de história foi utilizada, enquanto um saber objetivo, no âmbito da cultura e da educação na modernidade. O filósofo sustenta que na cultura moderna há um uso desmedido da história, o que constitui um vício que legitima as *pseudo-culturas*. A educação é, por excelência, o meio propagador da cultura e, segundo Nietzsche, a educação moderna reproduz e legitima um tipo de saber superficial e especializado, que é contrário à vida. No presente artigo elucida-se o conceito de cultura nietzschiano, a fim de compreender as linhas gerais dos apontamentos do filósofo acerca da relação entre história, cultura e educação na modernidade.

PALAVRAS CHAVE: Nietzsche; Cultura; Modernidade; História; Educação.

NIETZSCHES CRITIQUE OF THE SCIENCE OF HISTORY IN THE SPHERE OF MODERN EDUCATION AND CULTURE

ABSTRACT:

This article discusses Frederick Nietzsche's criticism of how the notion of History has been used, spoken of as if certain, in the homes of modern culture and education. The philosopher argues that in modern culture there is a disproportionate emphasis upon history, which constitutes an addiction to legitimizing *pseudo-culturas*. Education is, by way of it, the

¹ Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo – Brasil, professor de filosofia no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB), Santa Catarina - Brasil.

² Graduado em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina – Brasil, mestrando em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Santa Catarina – Brasil.

medium for the spreading of culture and, according to Nietzsche, modern education reproduces and legitimizes a kind of superficial or specialized knowledge, which runs contrary to life. This paper clarifies the Nietzschean concept of culture in order to understand the philosopher's notes regarding the relationship between history and education in modernity.

KEYWORDS: Nietzsche; Culture; Modernity; History; Education

Introdução

O presente texto é resultado de uma pesquisa que toma como objeto de estudo a crítica nietzschiana à educação moderna e que, contrariando o próprio Nietzsche, faz uso de uma postura por ele arduamente combatida: a de ler seus textos com a intenção de escrever outro texto, procedimento comum, segundo ele, entre os *especialistas*, objeto de sua crítica. Nietzsche vê na especialização uma degradação da cultura. Faz uso do termo *pseudo-cultura* para designar a produção intelectual de eruditos e especialistas que, por se ocuparem de um universo estritamente limitado do conhecimento, se mostram inaptos para lidar com os reais problemas da cultura, que são os problemas existenciais.

De acordo com o filósofo, os especialistas predominavam nos meios acadêmicos e culturais da Alemanha na segunda metade do séc. XVIII e do séc. XIX e representavam o enfraquecimento da cultura na Modernidade. Nietzsche compara o trabalho intelectual de um erudito, resultado da divisão do trabalho científico na Modernidade, ao de um operário em um modelo de produção em série, que se especializa em realizar um tipo de atividade, e faz somente isso de forma satisfatória, sem estabelecer relações com o que é exterior a esse universo restrito.

Ele aponta que no universo acadêmico que lhe é contemporâneo (final do século XIX), predomina uma visão acerca da realidade que se fundamenta estritamente na história. O uso desmedido da história é, para Nietzsche, um dos principais problemas da educação moderna. O presente artigo versa sobre o papel da história enquanto saber objetivo, portanto pretensamente científico, no universo cultural e educacional. Inicia-se a análise nos seguintes escritos de Nietzsche: *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* (1872) e a II Intempestiva³ *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* (1874). Recorre-se também, em caráter complementar, a outros textos desse período, como o *Nascimento da tragédia* (1872) e a I Intempestiva *David Strauss, o sectário e o escritor* (1873).

A escolha destes textos como material predominante de análise se deve, primeiramente, ao fato de conterem, de forma explícita, críticas e apontamentos

³ As Considerações Intempestivas correspondem a quatro textos escritos por Nietzsche: I *David Strauss, Sectário e Escritor* (1873), II *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* (1874), III *Schopenhauer Educador* (1874) e IV *Richard Wagner in Bayreuth* (1876). O título original *Unzeitgemässe Betrachtungen*, foi traduzido para o português com termos distintos, sendo os mais comuns: *Considerações Intempestivas*, *Considerações Extemporâneas* e *Considerações Inatuais*. No presente artigo mantêm-se os termos empregados nas traduções consultadas.

direcionados especificamente a questões educacionais e, também, por serem textos pouco explorados em pesquisas em educação. Vale salientar que Nietzsche não se dirige à educação como uma prática isolada de um contexto. Ele a vê como um reflexo da (pseudo) cultura da modernidade.

A concepção de cultura nos primeiros escritos de Nietzsche

Dentro das possibilidades instrumentais de análise da obra Nietzscheana, a *II Intempestiva* está situada no período correspondente aos escritos do Jovem Nietzsche, momento em que a problemática da cultura, que é constante no decorrer de sua obra, foi colocada pela primeira vez. Pouco tempo depois da publicação de sua obra inaugural *O Nascimento da Trágedia*, Nietzsche deixa claro que a questão da cultura é um tema central em sua filosofia, posicionando-se analogamente no papel de *médico da cultura*.

Já na *II Consideração Intempestiva*, Nietzsche toma a cultura em seu sentido mais amplo como objeto de investigação e especulação filosófica. O objetivo do autor é elucidar a problemática referente às consequências que o excesso de recorrência à história traz à cultura, pontuando os desdobramentos da propagação e incorporação do historicismo às esferas da arte, da ciência e, sobretudo, da educação.

Na I Consideração Intempestiva, *David Strauss, o Sectário e o Escritor*, texto de 1873, Nietzsche define sua concepção de cultura como uma *unidade de estilo artístico entre as manifestações vitais de um povo*⁴. Nesse primeiro momento o filósofo tem como principais fontes de referência teórica Kant, a metafísica da vontade de Schopenhauer, a música de Richard Wagner e a cultura clássica grega.

Em seus primeiros escritos, de um modo geral, Nietzsche concebe a cultura como uma unidade provida de limites demarcados. A cultura de um povo é própria deste e centrada em si, com limites perceptíveis que a distingue de outras culturas. (BARROS, 2002). Em *David Strauss, Sectário e Escritor*, Nietzsche discorre sobre as diferenças entre a Alemanha e a França no que diz respeito à cultura. O filósofo referencia a Guerra de 1870⁵, entre os dois países, na qual a Alemanha saiu vitoriosa, e que teve como consequência a divulgação por meio da imprensa e dos meios acadêmico e literário de uma pretensa vitória da cultura alemã sobre a francesa.

O interesse de Nietzsche por esse fato está justamente na concepção de *cultura* dos intelectuais alemães. Para o filósofo o discurso propagado de que a cultura alemã triunfou sobre a França está equivocado, uma vez que não há na Alemanha, segundo Nietzsche, algo que possa se chamar de cultura.

Mas se fizermos uma distinção entre a cultura e a instrução, em que sentido a cultura alemã poderia pretender ter vencido? Não poderia de forma alguma, pois, as qualidades morais de uma estrita disciplina, de uma imperturbável obediência, nada tem a ver com a cultura e caracterizariam, por exemplo, os exércitos macedônicos diante das tropas

⁴ No Original: *Kultur ist vor allem Einheit des künstlerischen Stiles In allen Lebensäußerungen eines Volkes* (NIETZSCHE. 1978, p.150)

⁵ Guerra Franco-Prussiana (julho de 1870 - maio de 1871).

gregas, que eram, ao contrário, infinitamente mais instruídos. Só pode ser por causa de uma confusão que falamos da vitória da cultura e da civilização alemãs, uma confusão que se explica pelo fato de que na Alemanha a simples ideia de *cultura* foi perdida. (NIETZSCHE, 2008, p. 18).

Como é possível observar há, portanto, para Nietzsche, uma clara diferenciação entre instrução e cultura. O acúmulo de informações e a erudição não são sinônimos de cultura. A cultura é delineada pelo estilo, pela unidade, pela singularização em meio ao devir, pela organização do caos e, essencialmente, pela criação e experimentação.

Mas o fato de saber muito e ter aprendido muito não é nem um instrumento necessário nem um sinal de cultura e, na necessidade, concorda perfeitamente com seu contrário, a barbárie, ou seja, com a ausência de estilo ou a mistura caótica de todos os estilos. (NIETZSCHE, 2008, p. 18).

Nietzsche coloca a questão da ausência de estilo como uma característica dos modernos, e aponta que os intelectuais alemães, apesar de toda sua instrução, não percebem a cultura alemã, ou melhor, a ausência de cultura alemã. Esses apontamentos de Nietzsche deixam claro que o sentido de cultura em sua obra é distinto do sentido dado ao termo cultura em seu tempo.

O alemão acumula em torno de si as formas, as cores, os produtos e as curiosidades de todos os tempos e de todos os climas e cria assim essa carnavalesca confusão que seus intelectuais se encarregam em se estudar e definir como a “essência do moderno”. (NIETZSCHE, 2008, p. 18) .

A obra de Nietzsche precede, cronologicamente, às abordagens antropológicas acerca da cultura. O que se encontra em sua filosofia da cultura, principalmente em seus primeiros escritos, é uma concepção de cultura que tem origem em uma *metafísica da arte*, onde a vida é essencialmente representada e entendida por meio das manifestações artísticas.

A arte, e não a ciência é o elemento que dá forma à cultura. A crítica de Nietzsche à ciência e ao cientificismo, presente no *Nascimento da Tragédia*, se fundamenta justamente no fato do saber científico diluir os limites da cultura, enfraquecendo-a. A concepção de cultura de Nietzsche, em sua primeira fase, está diretamente relacionada com a vida, com o *devir* próprio da vida.

Neste momento o filósofo vê na arte a mais nítida forma de expressão da vida, capaz de construir uma *estilística da vida*, de constituir e trazer a tona o estilo e, sendo assim, explicitar os elementos que dão unidade a um povo.

Nietzsche pensa a cultura como um organismo vivo que não pode ser descrito a partir de referenciais científicos. A arte é o elemento que dá forma à cultura, e somente por meio da arte se tem acesso à autenticidade da cultura de um povo. O que Nietzsche pretende sustentar é que a arte é a via de acesso para a compreensão da cultura. O caráter vivo e, portanto, trágico de uma cultura não pode ser apreendido

pelo pensamento científico.

Na modernidade, para Nietzsche, a busca pela compreensão científica da cultura a partir de referenciais historiográficos resulta em saberes superficiais, que constituem as *pseudo-culturas*. Ele ilustra essa tese numa passagem da *II Consideração Intempestiva*, afirmando que nos cem anos seguintes provavelmente não haveriam mais do que cem homens que teriam aprendido o que é a cultura, e estes homens, ao olharem para a história, saberiam que os alemães de seu tempo não tiveram uma cultura.

Eles acharão talvez que essa cultura [a alemã] era somente um tipo de saber sobre a cultura, e, além disso, um saber muito falso e superficial, na medida em que mantinha a contradição entre a vida e o conhecimento e era cego para aquilo que caracteriza a cultura dos povos verdadeiramente civilizados: o fato de que a cultura não pode crescer e florescer senão na medida em que esteja enraizada na vida. Contudo, é justamente desta idéia falsa e infecunda sobre a cultura que procede a educação da juventude na Alemanha: a sua finalidade, numa perspectiva pura e ideal, não é de maneira nenhuma formar o *espírito livre e culto*, mas o erudito, o homem da ciência, que pode ser utilizado o mais rápido possível e que se mantém distante da vida com o intuito de melhor conhecê-la; o resultado disso, numa perspectiva vulgarmente empírica é o engendramento do filisteu da cultura (*Bildungsphilier*) empanurrado de estética e de história, o tagarela senil sempre disposto a discorrer sobre o Estado, a Igreja, a Arte, o espírito capaz de se apropriar de mil coisas, o estômago insaciável que não sabe, porém o que são uma fome e uma sede verdadeiras. O fato de que uma educação que possui esta finalidade e este resultado seja uma educação contra a natureza, isto só pode perceber o indivíduo que não foi completamente formado no seu seio [...] (NIETZSCHE, F. 2009, p. 169. Grifos no original).

Assim, para Nietzsche, o principal critério de autenticidade de uma cultura é a forma como esta cultura se relaciona com a vida. O que ocorre ao homem moderno é uma impossibilidade de identificar que a cultura que lhe é contemporânea é constituída por pseudoculturas. Esta impossibilidade, de acordo com Nietzsche, advém do fato de que a formação humana do homem moderno ocidental e, mais precisamente, do alemão, o “cego” para as reais problemáticas da cultura.

Mas é justamente nessa mistura caótica de todos os estilos que o alemão de nossos dias vive e isso acarreta um grave problema de saber como pode, apesar de toda a sua instrução, não perceber sua “cultura” atual e não se regozijar com ela. Tudo deveria portanto esclarecê-lo, até mesmo o menor olhar sobre seu vestuário, seu quarto, sua casa, pelo menor passeio pelas ruas de suas cidades, pela menor visita a suas lojas de moda. (NIETZSCHE, F. 2008, p.19. Grifos no original)

Nietzsche sugere que em elementos como vestuário, arquitetura, organização do espaço e a produção artística transparecem a inautenticidade da cultura moderna e que, contraditoriamente, não provocam espanto, nem estranhamento ao alemão já habituado a viver em um simulacro cultural.

O uso da história na cultura moderna

Nietzsche tece em seus primeiros escritos uma crítica ao que ele denomina de historicismo e cultura histórica. Isso não significa, entretanto, que o filósofo não atribui um papel determinante à história quando busca compreender a cultura em seu amplo sentido. Sua crítica se volta ao uso exagerado da história, que, de acordo com sua perspectiva, culmina na transformação de uma virtude em um vício. Tanto o exagero quanto a falta de história são prejudiciais a uma cultura.

Nietzsche está entre os pensadores que, assim como Marx e Freud, trouxeram diferentes possibilidades de abordagem teórica acerca do ser humano ao considerarem, cada um ao seu modo, a formação da moral, da cultura, da estrutura social e da consciência, como produtos da história. Porém, o modo como o homem moderno se relaciona com a história, e, mais precisamente, com ideais específicos de história, para Nietzsche é contrário à vida e impulsiona o aniquilamento da cultura. Por isso esse modo *moderno* de se relacionar com a história torna-se o objeto de crítica na *II Consideração Intempestiva*.

Os modelos de história a que Nietzsche se contrapõe são a *teleologia da história*, própria da filosofia de Hegel e de hegelianos como Hartmann⁶ e Strauss⁷, e o *positivismo da história*. Para Nietzsche, essas visões acerca da história estavam carregadas de conceitos e pressupostos que não eram cabíveis à história por serem contrários à vida. A história, para Nietzsche, só possui valor enquanto está em consonância com a vida.

A *II Intempestiva* constitui-se, em linhas gerais, por uma investigação acerca da possibilidade de o sentido histórico poder significar uma positividade para a vida ou se ele é carente de valor para a vida, sem fundamento e apenas um discurso vazio (SOBRINHO, 2009). Nietzsche acredita que os pressupostos da historiografia moderna em seu amplo sentido, e a Hegeliana mais precisamente, se constituem por equívocos conceituais e resultam em problemas que se alastram para o âmbito da cultura, como uma doença. O próprio título da *II Consideração Intempestiva* foi primeiramente formulado como *A doença histórica*, entretanto, em um último momento foi alterado para *Sobre as vantagens e desvantagens da história para a vida*, o que salienta as reais motivações de Nietzsche ao escrever o texto.

Nietzsche ao criticar à cultura histórica aponta a crença em ideais como *unidade, totalidade, evolução, progresso, causalidade e fim* (KOFMAN, 1985) como o equívoco central da historiografia moderna. Em *Ecce Homo* (1888) escreveu:

A segunda extemporânea (1874) traz à luz o aspecto perigoso, que corrói e envenena a vida no modo através do qual operamos a ciência: a vida enferma por causa dessas roldanas e mecanismos desumanizados, por causa da “impessoalidade” do trabalhador, por causa da falsa economia

⁶ Nicolai Hartmann (1882-1950). Filósofo alemão.

⁷ David Friedrich Strauss (1808-1874). Teólogo alemão. Teve suas ideias criticadas por Nietzsche na *I Consideração Extemporânea* (1873).

da “divisão do trabalho”. A finalidade se perde, a cultura- o meio, a operação moderna da ciência, se barbariza... Nesse ensaio o “sentido histórico”, pelo qual esse século se orgulha, foi reconhecido pela primeira vez como uma doença, como um sinal típico do ocaso [...] (NIETZSCHE, 2003, p. 89. Grifos no original).

Michel Foucault, em *Nietzsche, a Genealogia, a História* (1971), traz alguns apontamentos resultantes de sua leitura da obra nietzschiana e conclui que a principal crítica de Nietzsche ao historicismo moderno refere-se à história ou visão histórica onde transparece que o olhar lançado ao passado provém de um observador que chegou ao fim da história, ao envelhecimento da cultura, a maturidade e que, em virtude disso, pressupõe verdades absolutas calcadas em fundamentos metafísicos.

De fato o que Nietzsche não parou de criticar, desde a segunda das Intempestivas, é essa forma de história que reintroduz (e supõe sempre) o ponto de vista supra-histórico: uma história que teria por função recolher, em uma totalidade bem fechada em si mesma, a diversidade finalmente reduzida do tempo; uma história que permitiria nos reconhecermos em todo lugar e dar a todos os deslocamentos passados uma reconciliação; uma história que lançaria sobre o que está atrás dela um olhar de fim do mundo. (FOUCAULT. 2007, p. 271).

A contraposição à visão teleológica e a perspectiva positivista da história é uma sólida referência utilizada por Nietzsche como base de sustentação para uma série de apontamentos e críticas acerca da cultura. A educação é considerada pelo autor o meio propagador da cultura histórica.

Os motivos que levam o ser humano, independente da época, do lugar e da cultura a necessitar da história, fazendo com que ele a constitua enquanto um saber objetivo, segundo Nietzsche, são sempre os mesmos. O filósofo acreditava que o ser humano dá vazão à história devido a três motivações: a primeira se remete ao fato de o ser humano ser ativo e buscar fins, sendo assim, lança olhares para o passado a fim de buscar acontecimentos e personagens que forneçam indícios de quais são os fins que deve perseguir; a segunda se dá pelo fato de o ser humano acreditar que na origem estão as respostas para a compreensão da vida e, sendo assim, levam-no a adorar e conservar o passado e a propagar a tradição; a terceira motivação se remete ao fato de o homem sofrer com o presente e buscar libertação, se remetendo, então, ao passado.

Essas três motivações humanas que tornam a história necessária ao homem, de acordo com Nietzsche, deram origem, respectivamente, a três formas predominantes de se relacionar com os saberes do passado: a *história monumental*, a *história tradicional* e a *história crítica*.

A História monumental se caracteriza pelo estudo de grandes feitos e homens do passado, ela serve ao homem do presente, na medida em que permite que este saiba que é possível cometer, sim, grandes atos. Esta ideia de um passado monumental que pode ser repetido é utilizada pelo homem moderno como uma forma de alívio e satisfação mediante as frustrações do presente. Entretanto,

Nietzsche aponta que comparar os fatos do passado com o presente é frágil e impreciso, uma vez que os fatos não se repetem.

Enquanto a historiografia tiver como vocação essencial transmitir ao homem forte impulsos profundos, enquanto o passado tiver de ser descrito como imitável e digno de imitação, como algo que pode se produzir uma segunda vez, ela corre o risco de ser deformada, enfeitada e assim aproximada da livre invenção poética. (NIETZSCHE, 2005, p. 87)

Nietzsche vê a história monumental como prejudicial à vida, e aponta que se ela for usada tanto por homens de índole forte quanto por homens de índole fraca, pode causar danos irreparáveis a uma cultura.

A história monumental nos engana com as suas analogias: com sedutoras semelhanças, ela incita o corajoso à temeridade e o entusiasta ao fanatismo; e se ela caísse nas mãos e nas cabeças de egoístas talentosos ou de malfeitores exaltados, então, os impérios seriam destruídos, os príncipes assassinados, as guerras e revoluções desatadas e o número de “efeitos em si” na história, quer dizer os efeitos sem causa suficiente, seria novamente aumentado. Tudo isso para mostrar os males que a história monumental pode acarretar nos homens ativos e fortes, para o bem e para o mal. Mas que estragos não provoca quando cai nas mãos e a serviço dos impotentes e dos indolentes. (NIETZSCHE, 2005, p. 88).

Nietzsche usa a produção artística como um exemplo de um aspecto da cultura que é prejudicado pela história monumental. Segundo o filósofo, os artistas verdadeiros sabem fazer bom uso da história e a transformam em produções superiores. Entretanto, uma cultura onde predomina a visão do mundo permeada pela monumentalidade da história, culmina em uma “cegueira” para o presente. Nos ambientes de ensino há uma veneração do que já foi produzido em arte e considerado historicamente como grande e digno. Esta idolatria ao grande do passado impede que os grandes artistas do presente sejam identificados e, também, estudados. Nietzsche argumenta que se os fatos não se repetem, é contraditório o julgamento da arte tendo como única referência o que já foi produzido e considerado grande em épocas passadas. A História monumental, de acordo com Nietzsche, acaba por nos dizer: *Vejam, a grandeza já existe!* (NIETZSCHE, 2005, p.90).

A história tradicionalista se caracteriza por se voltar às raízes de uma cultura, para o patrimônio cultural e os valores tidos como verdadeiros de um povo, venera qualquer coisa que se assemelha ao já estabelecido culturalmente. Nela ocorre uma anulação do indivíduo e da singularidade. O homem olha para seu povo e sua cultura e se pensa como um membro ou parte dela, se anulando enquanto indivíduo. A crítica de Nietzsche a este paradigma que venera os valores e saberes de uma cultura tradicional reside no fato dele resultar em visões de mundo que rejeitam o que está em vias de nascer e o que não vai de encontro com o usual.

De acordo com Nietzsche a sensibilidade de um homem tradicionalista é sempre limitada a um horizonte restrito e o pouco que ele percebe do mundo é

sempre fragmentário.

Para nos servir de uma imagem bastante ousada: a árvore sente muito mais as suas raízes, ainda que não possa vê-las, mas atribui a grandeza delas à grandeza e ao vigor de seus ramos visíveis. Mas ela pode se enganar quanto a isso, o quanto então não se enganaria a respeito da floresta que a cerca, que ela só conhece na medida em que esta entrava ou favorece seu crescimento – e nada mais! A sensibilidade tradicionalista de um homem, de uma cidade ou de um povo é sempre limitada a um horizonte restrito [...]. Esta visão não pode avaliar as coisas porque atribui a todas as coisas uma importância igual, e demasiada importância a coisas minúsculas. Portanto, ela não dispõe de qualquer escala de valor e de proporção para julgar o passado. (NIETZSCHE, 2005, p. 94).

A imagem utilizada por Nietzsche remete-se a perspectiva assumida pela história tradicionalista, que percebe o mundo a partir de uma valorização do que pode ser útil às raízes de uma cultura, ao que já está estabelecido e que é encarado como imutável. A perspectiva de um historiador tradicionalista é deslocada da vida. Nietzsche afirma que a história tradicionalista “mumifica a vida” (NIETZSCHE, 2005, p.95).

A história crítica tem origem na necessidade do homem de romper e dissolver uma parte de seu passado para que possa viver no presente. Este paradigma historiográfico se caracteriza por lançar um olhar que julga e condena o passado. As características negativas do presente são justificadas, pelo historiador crítico, como resultado de um passado que não trazia consigo a verdadeira noção de justiça. A partir da perspectiva da história crítica, observa-se o passado julgando-o a partir de um critério de justiça, próprio do presente. Nietzsche vê este julgamento como equivocado, uma vez que, não existe uma justiça enquanto tal e, tampouco, a vida é inseparável da injustiça.

Pois tudo que surgiu do homem esteve sempre submetido ao poder e à fraqueza do homem. Não é a justiça que julga aqui; menos ainda é a graça que o veredicto pronuncia: mas unicamente a vida, este poder obscuro, arrebatador, insaciavelmente sedento de si mesmo. Seu veredicto é sempre implacável, sempre injusto, pois jamais provém da forma pura do conhecimento; mas, na maioria dos casos, não seria diferente se a justiça em pessoa pronunciasse ela mesma este veredicto. “Pois tudo o que nasce *merece* morrer. Seria portanto melhor que nada nascesse”⁸. É preciso ter muita força para poder viver e esquecer até que ponto viver e ser injusto são uma única e mesma coisa. (NIETZSCHE, 2005, p. 96. grifos no original).

O julgamento do passado possibilita o surgimento de uma categoria de presente “artificial”. O historiador crítico se posiciona em um ponto “neutro” e observa o passado a partir de uma concepção ideal de presente, que nega efetivamente os fatos que deram origem ao presente real. O historiador crítico não se

⁸ Citação retirada da obra *Fausto*, de Goethe.
Goethe: *Faust*, I, p. 1339-1341. [NF].

vê como produto da história e, sim, como um observador capaz de analisar a história situando-se fora dela.

Já que somos efetivamente o fruto das gerações anteriores, somos também o fruto dos seus desregramentos, das suas paixões, dos seus erros, ou seja, dos seus crimes: não é possível excluir-se completamente desta cadeia. Podemos condenar estes desregramentos e acreditar que estamos livres deles, mas isto não impede que sejamos os seus herdeiros. (NIETZSCHE, F. 2005, p. 97).

Nietzsche aponta que ao se fazer uso da história crítica, corre-se o risco de trazer ao homem moderno a necessidade de uma segunda natureza. Uma natureza que nega sua própria formação histórica e se coloca sistemática e rigorosamente em atitude crítica com relação ao passado. A educação nesse contexto torna-se artificial e responsável por um conflito entre a natureza do homem e os conhecimentos que ele deve aprender.

Na melhor das hipóteses, chegaremos então a provocar um conflito entre a nossa natureza íntima, hereditária, e o nosso conhecimento, e também, sem dúvida, haverá uma luta entre uma disciplina nova e rigorosa e os valores legados e inculcados por uma educação tradicional: implantamos em nós um novo hábito, um novo instinto, uma segunda natureza (*zweite Natur*) que farão morrer a nossa primeira natureza (*erste Natur*). Esta é por assim dizer uma tentativa de indicar *a posteriori* o passado do qual se queria ter saído, por oposição àquele do qual realmente se saiu [...]. (NIETZSCHE, 2005, p. 97).

A implantação de uma segunda natureza, consequência do uso da história crítica, é, para Nietzsche, duplamente problemática. Primeiro porque, segundo sua perspectiva, as segundas naturezas são sempre mais frágeis que as primeiras. E, em segundo lugar, traz consigo uma contradição, a de que ela um dia passará a ser primeira natureza e será substituída por uma nova segunda natureza, que analisará e a julgará como injusta.

Para aqueles que utilizam a história crítica a serviço da vida, um admirável consolo: eles sabem que esta primeira natureza há pouco foi uma segunda natureza e que toda segunda natureza, quando triunfa, se transforma por sua vez numa primeira natureza. (NIETZSCHE, 2005, p. 98).

Estes três formatos da história enquanto saber objetivo ou ciência podem ser perfeitamente alocados nas concepções teleológica e positivista da história, que se constituem como o alvo central das críticas de Nietzsche. O que leva o ser humano a buscar a história são motivações vitais, que estão em consonância com a vida. Entretanto, na modernidade, o caráter cientificista, o imediatismo e a busca de um saber sobre os próprios saberes, um mero saber sobre a cultura que se caracteriza por não visar o exterior do homem e, sim, sua interioridade, é o que faz com que a

pretensão científica da história culmine em uma degradação da cultura. Conforme ilustra, em parte, o trecho a seguir:

De fato, um astro magnífico e luminoso se interpôs efetivamente entre a história e a vida; de fato esta constelação foi modificada: *através da ciência, pela vontade de fazer da história uma ciência*. Não é mais a vida somente que governa e refreia o conhecimento do passado: todas as barreiras foram derrubadas e o homem submergiu no fluxo de tudo aquilo que um dia existiu. Todas as perspectivas foram estendidas ao infinito, para tão longe onde podia haver um futuro. Nenhuma espécie jamais viu se desenrolar infinitamente um espetáculo comparável a esse que nos apresenta a história, esta ciência do devir universal (*die Wissenschaft des universalen Werdens*); é verdade que ela demonstra com isso a perigosa ousadia de sua divisa: *Fiat veritas, pereat vita* (*Faça-se a verdade, ainda que o mundo pereça*). (NIETZSCHE, 2005, p. 99. Grifos no original)

A relação conflituosa entre exterioridade e interioridade, ilustrada pelos saberes que se constituem tendo o mundo exterior ao homem como referência e os saberes ou conhecimentos que se voltam unicamente ao interior do homem, para Nietzsche é problemática. O filósofo aponta que na modernidade há um predomínio da busca pelo conhecimento histórico tendo em vista a interioridade do homem. Há, para Nietzsche, uma série de problemas decorrentes desta característica do homem moderno, conforme analisa Habermas, em *O discurso Filosófico da Modernidade* (1985):

Na segunda de suas Considerações Inatuais [Intempestivas] acerca da Utilidade e inconveniente da história para a vida, Nietzsche analisa a inconseqüência duma tradição cultural truncada do agir, empurrada pela esfera da interioridade: ‘o saber, tomado em excesso, sem fome, mesmo contra a necessidade, deixa agora de operar como motivo transformador, que impele para o exterior, mantendo-se oculto num certo mundo interior caótico... Daí que toda a formação cultural moderna seja essencialmente interior - um manual de formação interior para bárbaros exteriores...’ Sobrecarregada de saber histórico a consciência moderna perdeu a ‘força plástica da vida’ que habilita o homem, com olhos postos no futuro, ‘a interpretar o passado a partir da suprema força do presente’. (HABERMAS, J. 1990 p. 90.).

Os saberes, quando visam estritamente à interioridade, não se voltam à vida em seu amplo sentido, não adquirem uma forma e se constituem em saberes contrários à vida, tornam-se mera erudição e se configuram vazios. Por não se voltarem ao funcionamento da vida, e por não se materializarem na exterioridade, acabam por não fornecerem uma forma e, tampouco, estilo a uma cultura.

Diz-se então que se possui o conteúdo e que somente falta a forma; no entanto, para todos os seres vivos, esta é uma contradição totalmente insólita. E justamente porque a nossa cultura moderna não pode ser compreendida sem essa contradição. Ela não constitui uma realidade viva, quer dizer, não é uma cultura autêntica, somente uma espécie de saber

sobre a cultura. (NIETZSCHE, 2005, p. 101).

O argumento central de Nietzsche, como explicitado acima, é de que, como existe uma contradição entre conteúdo e forma na modernidade e que essa contradição é, por si só, insólita, conclui-se que a cultura moderna não pode ser considerada uma cultura autêntica. A cultura moderna, para Nietzsche, não exprime nada próprio, ao contrário, o que se exprime realmente, o que se manifesta exteriormente em atos visíveis se reduz a uma fria convenção, a uma pobre imitação ou uma caricatura grosseira (NIETZSCHE, 2005).

A educação como produto dessa cultura, segundo Nietzsche, assimila, legitima e dissemina saberes fundamentados em uma visão contaminada pelo excesso de história e que, em virtude disso, propaga simulacros e caricaturas da vida.

Considerações Finais

A partir da obra nietzschiana é ainda possível identificar temas e problemas atuais. A questão levantada pelo filósofo sobre a forma como na cultura e, conseqüentemente, nos estabelecimentos de ensino e pesquisas científicas é feito o uso da história, é relevante. A figura do especialista, que Nietzsche viu surgir no séc. XIX, atualmente ocupa uma posição de destaque no meio acadêmico, sendo facilmente identificado, entretanto, ainda pouco estudado.

A educação contemporânea visa à especialização e está fundamentada na divisão do trabalho científico. Ao afirmar que o mau uso da história resulta em *pseudo-culturas*, Nietzsche lança o olhar sobre as produções filosóficas e científicas de sua época. A classificação dessas produções como contrárias à vida se deve ao fato de serem produções vazias de conteúdo, realizadas apressadamente e que têm como referência uma visão superficial sobre a vida. Outro nome utilizado por Nietzsche para definir as *pseudo-culturas* é *cultura jornalística*, justamente em alusão ao imediatismo e superficialidade da produção de conteúdo jornalístico.

As necessidades vitais da história que deram origem, segundo Nietzsche, aos três paradigmas: *monumental*, *tradicionalista* e *crítico* não foram atendidas plenamente. Isto se deve substancialmente ao modo como os intelectuais e cientistas constituíram os saberes históricos e ao modo como a história foi ensinada e utilizada nos ambientes de ensino.

Os apontamentos feitos por Nietzsche possibilitam reformular questões de caráter epistemológico sobre a natureza do conhecimento e da cultura produzida nos ambientes educacionais contemporâneos. Entender a crítica de Nietzsche, como uma crítica à história, é um tanto equivocado. O que o filósofo faz é uma crítica à erudição, à falta de exteriorização dos conteúdos, à ausência de forma, e, sobretudo, à falta de consonância entre a produção científica e cultural com a vida.

Inserida no âmbito das pesquisas em educação, a temática levantada por Nietzsche nos remete aos princípios que regem o funcionamento dos estabelecimentos de ensino e de pesquisas contemporâneos, e as finalidades do

conhecimento. Por meio do pensamento de Nietzsche, é possível delinear múltiplas problemáticas que circundam os conteúdos científicos, filosóficos e artísticos produzidos nas escolas e universidades da atualidade.

Referências bibliográficas

- BARROS, Marcio B. *Nietzsche e o Problema da Cultura*. Tese de Doutorado em Filosofia. Campinas: Unicamp, 2006. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=vtls000408654m, acessado dia 23/02/2012
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a Genealogia a História*. In: Microfísica do Poder. São Paulo: Graal, 2005.
- KOFMAN, Sarah. *Os conceitos de cultura nas Extemporâneas ou a dupla dissimulação*, In: Nietzsche Hoje?. MARTON, Scarlet (org.). São Paulo: Brasiliense, 1985.
- HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 2010.
- NIETZSCHE, F. *Unzeitgemässe Betrachtungen I*, in Kritische Studienausgabe, Vol. 1, Berlin: Walter de Gruyter, 1978.
- _____. Nietzsche: *Escritos sobre história*. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. SOBRINHO, N. (org). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.
- _____. *David Strauss, o sectário e o escritor*. São Paulo: Escala, 2008.
- _____. *Nietzsche: Escritos Sobre Educação*. Sobre o Futuro de Nossos estabelecimentos de ensino. SOBRINHO, N. (org). Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2009.
- _____. *Ecce-Homo: como cheguei a ser o que sou*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Contribuição dos autores:

Os autores Celso Kraemer e Rodrigo Abrantes Cesar contribuíram conjuntamente com a discussão, problematização, revisão e redação do artigo. Ambos aprovaram a versão final.